

CAPÍTULO VI – O Cristo Consolador

Índice

Capítulo VI – O Cristo Consolador	02
O Jugo leve	02
O jugo	05
Convite irrecusável	06
Consolador prometido	02
O Consolador prometido	08
O Evangelho segundo João	10
Instruções dos Espíritos. Advento do Espírito de Verdade	03
O advento de Jesus	13
Revue Spirite de 1867	15

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec Capítulo VI – O Cristo Consolador

1. O jugo leve

1. Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo. (S. MATEUS, cap. XI, vv. 28 a 30.)

2. Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perda de seres amados, encontram consolação em a fé no futuro, em a confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele que, ao contrário, nada espera após esta vida, ou que simplesmente duvida, as aflições caem com todo o seu peso e nenhuma esperança lhe mitiga o amargor. Foi isso que levou Jesus a dizer: “Vinde a mim todos vós que estais fatigados, que eu vos aliviarei.” Entretanto, faz depender de uma condição a sua assistência e a felicidade que promete aos aflitos. Essa condição está na lei por ele ensinada. Seu jugo é a observância dessa lei; mas, esse jugo é leve e a lei é suave, pois que apenas impõe, como dever, o amor e a caridade.

2. Consolador prometido

3. Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu Rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: — **O Espírito de Verdade**, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo eis, porque ficará convosco e estará em vós. — Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito. (S. JOÃO, cap. XIV, vv. 15 a 17 e 26.)

4. Jesus promete outro consolador: o Espírito de Verdade, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para o compreender, consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para lembrar o que o Cristo há dito. Se, portanto, o Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo; se ele vem lembrar o que o Cristo disse, é que o que este disse foi esquecido ou mal compreendido.

O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que Jesus só disse por parábolas. Advertiu o Cristo: “Ouçam os que têm ouvidos para ouvir.” O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porquanto fala sem figuras, nem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a consolação suprema aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.

Disse o Cristo: “Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados.” Mas, como há de alguém sentir-se ditoso por sofrer, se não sabe por que sofre? O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado. Mostra o objetivo dos sofrimentos, apontando-os como crises salutares que produzem a cura e como meio de depuração que garante a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer e acha justo o sofrimento. Sabe que este lhe auxilia o adiantamento e o aceita sem murmurar, como o obreiro aceita o trabalho que lhe assegurará o salário. O Espiritismo lhe dá fé inabalável no futuro e a dúvida pungente não mais se lhe apossa da alma. Dando-lhe a ver do alto as coisas, a importância das vicissitudes terrenas some no vasto e esplêndido horizonte que ele o faz descortinar, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até ao termo do caminho.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança.

3. Instruções dos Espíritos: Advento do Espírito da Verdade

5. Venho, como outrora aos transviados filhos de Israel, trazer-vos a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como o fez antigamente a minha palavra, tem de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade; o Deus bom, o Deus grande, que faz germinar as plantas e se levantem as ondas. Revelei a doutrina divinal. Como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparso no seio da Humanidade e disse: “Vinde a mim, todos vós que sofreis.”

Mas, ingratos, os homens afastaram-se do caminho reto e largo que conduz ao Reino de meu Pai e enveredaram pelas ásperas sendas da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne, porquanto não existe a morte, vos socorrais mutuamente, e que se faça ouvir não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a dos que já vivem na Terra, a clamar: Orai e crede! Pois que a morte é ressurreição, sendo a vida a prova buscada e durante a qual as virtudes que houverdes cultivado crescerão e se desenvolverão como o cedro.

Homens fracos que compreendeis as trevas das vossas inteligências, não afasteis o facho que a clemência divina coloca nas mãos para vos clarear o caminho e reconduzir-vos, filhos perdidos, ao regaço de vosso Pai.

Sinto-me por demais tomado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa fraqueza imensa, para deixar de estender mãos socorredora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro. Crede, amai. Meditai sobre as coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio com a boa semente, as utopias com as verdades.

Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento; instrui-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes voz clamam: “Irmãos! Nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade.”

— O espírito da Verdade, (Paris, 1860.)

6. Venho instruir e consolar os pobres deserdados. Venho dizer-lhes que elevem a sua resignação ao nível de suas provas, que chorem, porquanto a dor foi sagrada no Jardim das Oliveiras; mas que esperem, pois que também a eles os anjos consoladores lhes virão enxugar as lágrimas.

Obreiros, traçai o vosso sulco; recomeçai no dia seguinte o afanoso labor da véspera; o trabalho das vossas mãos vos fornece aos corpos o pão terrestre; vossas almas, porém, não estão esquecidas; e Eu, o Jardineiro divino, as, cultivo no silêncio dos vossos pensamentos. Quando soar a hora do repouso, e a trama da vida se vos escapar das mão se vossos olhos se fecharem para a luz, sentireis que surge em vós e germina a minha preciosa semente. Nada fica perdido no Reino de nosso Pai e os vossos suores e misérias formam o tesouro que vos tornará ricos nas esferas superiores, onde a luz substitui as trevas e onde o mais desnudo dentre todos vós será talvez o mais resplandecente.

Em verdade vos digo: os que carregam seus fardos e assistem os seus irmãos são bem-amados meus. Instrui-vos na preciosa doutrina que dissipa o erro das revoltas e vos mostra o sublime objeto da provação humana. Assim como o vento varre a poeira, que também o sopro dos Espíritos dissipe os vossos despeitos contra os ricos do mundo, que são, não raro, muito miseráveis, porquanto se acham sujeitos a provas mais perigosas do que as vossas. Estou convosco e meu apóstolo vos instrui. Bebei na fonte viva do amor e preparai-vos, cativos da vida, a lançar-vos um dia, livres e alegres, no seio daquele que vos criou fracos para vos tornar perfectíveis e que quer modeleis vós mesmos a vossa maleável argila, a fim de serdes os artífices da vossa imortalidade.

— O espírito da Verdade, (Paris, 1861.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

7. Sou o grande médico das almas e venho trazer-vos o remédio que vos há de curar. Os fracos, os sofredores e os enfermos são os meus filhos prediletos. Venho salvá-los. Vinde, pois, a mim, vós que sofreis e vos achais oprimidos, e sereis aliviados e consolados. Não busqueis alhures a força e a consolação, pois que o mundo é impotente para dá-las. Deus dirige um supremo apelo aos vossos corações, por meio do Espiritismo. Escutai-o. Extirpados sejam de vossas almas doloridas a impiedade, a mentira, o erro, a incredulidade. São monstros que sugam o vosso mais puro sangue e que vos abrem chagas quase sempre mortais. Que no futuro, humildes e submissos ao Criador, pratiqueis a sua Lei Divina. Amai e orai, sede dóceis aos Espíritos do Senhor; invocai-o do fundo de vossos corações. Ele, então, vos enviará o seu Filho bem-amado, para vos instruir e dizer estas boas palavras:

“Eis-me aqui, venho até vós, porque me chamastes.”

— O Espírito de Verdade. (Bordeaux, 1861.)

8. Deus consola os humildes e dá força aos aflitos que lha pedem. Seu poder cobre a Terra e, por toda a parte, junto de cada lágrima colocou ele um bálsamo que consola. A abnegação e o devotamento são uma prece continua e encerram um ensinamento profundo. A sabedoria humana reside nessas duas palavras. Possam todos os Espíritos sofredores compreender essa verdade, em vez de clamarem contra suas dores, contra os sofrimentos morais que neste mundo vos cabem em partilha. Tomai, pois, por divisa estas duas palavras: devotamento e abnegação, e sereis fortes, porque elas resumem todos os deveres que a caridade e a humildade vos impõe. O sentimento do dever cumprido vos dará repouso ao espírito e resignação. O coração bate então melhor, a alma se asserena e o corpo se forra aos desfalecimentos, por isso que o corpo tanto menos forte se sente, quanto mais profundamente golpeado é o espírito.

— O Espírito de Verdade. (Havre, 1863.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

Crônicas e Artigos

Nº 179 – 10/10/2010

O Consolador – (Felinto Elízio Duarte Campelo)

O jugo

I. O jugo leve

“Vinde a mim todos vós que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei.

Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.

Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.”

(Mateus, 11: 28 a 30.)

Quando sofremos ingratidões daqueles a quem mais amamos, quando desmoronam sobre nós os castelos das ilusões mundanas, nossas almas sobrecarregadas de decepções, vergadas ao peso da dor, vão achar alívio na consoladora doutrina de Jesus.

Nela encontraremos a resignação, a paciência, a paz porque suave é o seu jugo fundamentado na humildade, na fraternidade, no amor e no perdão sem limites; seu fardo é leve, pois não comporta orgulho, egoísmo, revolta, ódio e vingança.

Livremo-nos da escravidão do jugo do mundo que nos traz dependência, desespero, descrença e cansaço.

A Doutrina Espírita, misto de RELIGIÃO, CIÊNCIA e FILOSOFIA, sem as amarras dos dogmas e de preconceitos, interpreta o Evangelho sem subterfúgios, faculta-nos a compreensão de Deus infinitamente bom e justo, mostra-nos Jesus como o jugo suave e o fardo leve, único caminho para se chegar ao Pai.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

Crônicas e Artigos

Nº 35 – 16/12/2007

O Consolador – (José Carlos Monteiro de Moura)

Convite irrecusável

I. O jugo leve

No atual estágio de evolução do planeta, não existe quem não enfrente ou não tenha enfrentado aflições e dificuldades de que resultam pesados ônus. Significante parcela da humanidade considera tais ônus como injustos e insuportáveis.

No entanto, resultam da própria condição da Terra, como mundo de expiação e de prova.

A doutrina dos Espíritos ensina que todo sofrimento se acha intimamente ligado à imperfeição, que toda imperfeição, assim como todo erro ou falta que dela resultar, traz consigo o castigo correspondente como consequência natural e inevitável. Ensina também que todo homem pode libertar-se das imperfeições, anular os seus males e garantir, em virtude disso, a felicidade futura:

(KARDEC –O Céu e o Inferno, capítulo VII, item 33º).

Dificuldades e aflições, dores e sofrimentos não constituem, portanto, uma situação imutável e irreversível.

O destino do homem é a perfeição, mesmo que ele, por ignorar, na maioria das vezes, o próprio sentido da vida, ainda não tenha compreendido direito essa verdade incontestável. A esse respeito, Jesus foi imperativamente categórico ao afirmar:

“Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai Celestial” (Mateus, V: 48).

O seu Evangelho é o verdadeiro código de que o ser humano dispõe para alcançar essa perfeição e, por conseguinte, libertar-se das imperfeições e dos sofrimentos provenientes delas. É o jugo suave a que se refere o relato de Mateus.

A sua acolhida implica a eleição da moral evangélica, como a norma de conduta fundamental do homem durante a sua romagem terrena.

Não contém nenhuma fórmula mágica capaz de resolver ou de eliminar problemas ou dificuldades, mesmo porque a sua solução ou eliminação é tarefa da exclusiva alçada de quem livremente os criou: o próprio ser humano.

A um primeiro exame, parece que a suavidade do jugo e a leveza do fardo conflitam com outras passagens evangélicas, principalmente com aquela em que Jesus recomenda a entrada pela porta estreita, porquanto a outra – a larga – conduz irreversivelmente à perdição.

A contradição é apenas aparente.

O jugo suave não significa a imediata liberação dos percalços naturais da vida, e uma caminhada terrena livre dos espinhos e pedregulhos, criados e acumulados pelo homem, ao longo de suas múltiplas existências.

Trata-se, isto sim, de um roteiro seguro e firme que a bondade infinita de Deus lhe oferece para, com seu próprio esforço, afastar, superar ou eliminar as arestas de seu caminho.

Jesus não prometeu a cura milagrosa dos males humanos, mas apenas o seu alívio. Isso torna mais suave a longa e penosa jornada da humanidade no caminho da evolução e da perfeição final.

O fardo dos erros, defeitos e falhas, acumulado no curso dos milênios, vai sendo, paulatinamente, deixado à beira da estrada e substituído pelas qualidades e virtudes de que um dia será detentora.

O alívio proclamado pelo Mestre permite, inclusive, uma melhor compreensão de todos os problemas terrenos e de suas causas, além de propiciar uma ideia mais exata da Justiça Divina e de seu mecanismo operacional, cujo fundamento básico é a reencarnação.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

A pluralidade de existências é indispensável no processo de substituição de erros, defeitos e falhas pelas virtudes e qualidades do homem de bem.

Isso importa a sua sempre lembrada reforma interior, impossível de ser realizada de um dia para o outro, em face principalmente da dimensão da tarefa.

Daí a razão por que a Justiça de Deus lhe assegura, quando nada, a mesma quantidade de tempo de que ele dispôs para criar e alimentar vícios, cultivar defeitos e praticar, com sistemática reincidência, erros de toda espécie e gravidade, a fim de que, através de um comportamento inverso, os elimine e supere, e não retome o costume de incidir no seu cometimento.

O exercício do amor e da caridade, aliado a uma fé embasada na lógica, na razão e no conhecimento, entremeados da esperança na vida futura e na certeza da correção das decisões da Justiça Divina, são importantíssimos instrumentos colocados à disposição da humanidade para alcançar esse fim, independentemente de qualquer filiação religiosa.

Não obstante e sobretudo no Ocidente, não se pode negar a importância do Espiritismo nesse mister.

Embora tenha se dirigido especificamente aos espíritas, o Espírito de Verdade, em sua famosa advertência (“Espíritas!, amai-vos, este o primeiro ensinamento; instrui-vos, este o segundo”), deixa claro que ela se destina a todos que realmente propugnam por um mundo melhor, mais solidário e fraterno.

E isso porque, de uma forma ou de outra, ela se acha inscrita em todos os livros sagrados da humanidade. Coube, no entanto, a Jesus dar-lhe os contornos universais, porquanto dirigida a todos os homens, conforme se vê, expressamente, do seu convite:

“Vinde a mim todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei.

Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo”.

(Mateus, XI: 28 a 30)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

Crônicas e Artigos

Nº 67 – 03/08/2008

O Consolador – (Arthur Bernardes de Oliveira)

O Consolador prometido

II. Consolador prometido

Kardec dedicou um capítulo de **O Evangelho segundo o Espiritismo** para analisar duas promessas de Jesus. Aliás, é o menor capítulo daquele livro.

As promessas estão relatadas, uma por Mateus, no (capítulo XI, vv. 28 a 30) de seu evangelho e outra, por João no (capítulo XIV, vv. 15 a 17 e 26) de seu evangelho.

O objetivo do capítulo é duplo:

- a) mostrar que Jesus Cristo foi o maior consolador que a humanidade conheceu e
- b) demonstrar que o Espiritismo é o cumprimento da promessa que ele fizera de que, quando as coisas permitissem, ele nos enviaria um outro consolador que daria sequência ao seu pensamento e faria revelações novas que influiriam no progresso da Humanidade.

Vejamos os dois textos.

Diz Jesus em Mateus, capítulo XI:

“Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. (Mas para isso) Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou manso e humilde de coração e achareis descanso para vossas almas, pois suave é o meu jugo e leve o meu fardo”.

Como se vê, Jesus não promete a cura. Promete alívio, anestesia, capacidade de suportar as dores, de resolver os problemas, superar as dificuldades. A nossa cura depende exclusivamente de nós. Nós somos os médicos de nós mesmos. As dificuldades, os problemas de toda ordem fazem parte do tratamento; são medicamentos que a vida nos propõe para a nossa cura definitiva, para nossa libertação.

Mas, para que o processo de libertação se efetive, Jesus nos dá a receita. Qual é a receita? Tomar sobre nós o seu jugo (a sua lei, os seus ensinamentos, o roteiro que nos apresentou e, na aplicação desse roteiro, ser manso e humilde de coração), lembrando ainda que o seu jugo é suave e o fardo que está posto aos ombros de quem queira servi-lo é muito leve.

Deus não quer de nenhum de nós sacrifícios insuportáveis. Jesus foi claro ao dizer isso.

“Misericórdia quero, não sacrifício!”. Deus quer de nós somente aquilo que podemos dar. Ele sabe de que somos capazes. Todos nós temos instrumentos para servir. Uns mais; outros menos. E a comparação de que Deus se utiliza não envolve a quantidade que se dá, mas a capacidade de quem dá. O óbolo da viúva foi a oferta maior, embora monetariamente insignificante. Ninguém se julgue, pois, incapaz de servir. Basta que se disponha a isso; basta querer, basta dizer sim quando a vida o chama para isso.

Uma advertência, porém: para servir é preciso que tenhamos manso o coração e brandas, as atitudes; sereno o nosso comportamento; tolerantes; compreensivos, solidários, afetuoso, fraternos. É incompatível o espírito de serviço com a intolerância, com a brutalidade, com a impaciência, com as cobranças. E que sejamos sempre humildes. São os pequenos e necessitados que mais necessitam de nós. Precisamos da humildade para abrir-lhes o caminho até nós. Chico queria que toda casa espírita fosse sempre uma casa acolhedora, simples, sem luxo, para que o pobre, o necessitado, não tivesse vergonha de nela penetrar. Para que ele se sentisse em casa, à vontade, sem preocupações de ordem menor que tanto separam as pessoas umas das outras.

Mansuetude e brandura no coração e humildade em todas as atitudes. A nossa cura começa por aí.

A outra promessa está em João, capítulo XIV, vv. 15 a 17 e 26. Diz o texto:

“Se me amais, guardai os meus mandamentos; eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: o Espírito de Verdade, que o mundo não

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

pode receber porque o não vê e absolutamente não o conhece. Mas quanto a vós, conhecê-lo eis, porque ficará convosco e estará em vós. O Consolador, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito”.

“vos fará recordar tudo o que tenho dito” De fato, as religiões ditas cristãs introduziram tantas coisas em sua doutrina que nada têm com o ensino de Jesus; acrescentaram tantas estranhezas ao pensamento do Mestre, que seria preciso alguém vir redizer as coisas que o Cristo disse, lembrar seus ensinamentos esquecidos e trazer novos esclarecimentos para ajudar a Humanidade a crescer.

Jesus não deu ênfase à sobrevivência do Espírito embora todo seu ensino acene para uma vida futura. No sermão da montanha, o mais belo resumo de seu pensamento, a vida futura está intensamente refletida e as bem-aventuranças só são entendidas se se aceitar a existência da vida futura. Jesus não se preocupou com a comunicação entre vivos e mortos, mas não só não repetiu a proibição de Moisés, como fez vir à sua presença e à de três de seus discípulos os Espíritos de Moisés e de Elias, na transfiguração do monte de Tabor. Jesus referiu-se vagamente à reencarnação no encontro com Nicodemos e nas conversas sobre a vinda ou não do profeta Elias preparando-lhe o caminho. Falou da existência de muitas moradas na casa do Pai.

Todos esses ensinamentos foram desfigurados nas doutrinas cristãs que vieram depois.

A promessa do novo consolador, entenderam nossos irmãos de outras crenças que ela ocorreu cinquenta dias depois da morte de Jesus na festa do pentecostes, onde fenômenos mediúnicos muito sérios eclodiram na praça pública diante da multidão estupefata.

O Espiritismo retomou o ensino de Jesus e deu-lhe sequência, avançando um pouco mais com novas revelações e tirando da letra que mata o espírito que vivifica a Doutrina de Jesus. É o momento novo em que se retoma o ensino de Jesus e se caminha um pouco mais, unindo religião e ciência para, ao lado da filosofia, esclarecer nosso Espírito e iluminar a nossa consciência.

Fiel a essa ideia, apresenta-se nos o Espírito da Verdade que, ao superintender a obra da codificação, sugere-nos dois ensinamentos fundamentais para a nossa caminhada como espíritas. Diz ele: Espíritas, **amai-vos**, este o primeiro ensinamento; **instrui-vos**, este o segundo. O amor, essência da vida, está presente em todas as palavras e atitudes de Jesus; a instrução, meta universal, é um dos objetivos primeiros da encarnação a que todos estamos sujeitos, na difícil caminhada da evolução.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

Estudo Sistematizado do Novo Testamento

Nº 192 – 15/01/2011

O Consolador – (Thiago Bernardes)

II. Consolador prometido

O Evangelho segundo João

Quarto livro do Novo Testamento

João (Apóstolo de Jesus)

(Parte 9)

33. O Senhor promete a vinda de outro Consolador – Depois de prometer rogar ao Pai para enviar ao mundo um outro Consolador, que ficasse eternamente conosco, Jesus advertiu: “Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós. Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais, mas vós me vereis; porque eu vivo, e vós vivereis.

Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós. Aquele que tem os meus mandamentos e os, guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele”. Disse-lhe Judas (Tadeu, não o Iscariotes):

“Senhor, de onde vem que te hás de manifestar a nós, e não ao mundo?” Jesus esclareceu:

“Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada.

Quem me não ama não guarda as minhas palavras; ora, a palavra que ouvistes não é minha, mas do Pai que me enviou”.

(João, 14:16 a14:24.)

34. Compete ao Consolador ensinar todas as coisas e lembrar o que o Cristo disse – Referindo-se pela segunda vez ao Consolador que o Pai enviaria em seu nome, Jesus informou que esse novo Consolador nos ensinaria todas as coisas e nos faria lembrar de tudo quanto ele havia dito. E acrescentou:

“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.

Ouvistes que eu vos disse: Vou, e venho para vós.

Se me amásseis, certamente exultaríeis por ter dito: Vou para o Pai; porque o Pai é maior do que eu.

Eu vo-lo disse agora antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós acrediteis.

Já não falarei muito convosco; porque se aproxima o príncipe deste mundo, e nada tem em mim; mas é para que o mundo saiba que eu amo o Pai, e que faço como o Pai me mandou.

Levantai-vos, vamo-nos daqui”.

(João, 14:25 a 14:31.)

35. Jesus narra a parábola da videira – Na sequência, Jesus narrou-lhes esta parábola:

“Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador.

Toda a vara em mim, que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto. Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado.

Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim.

Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.

Se alguém não estiver em mim, será lançado fora, como a vara, e secará; e os colhem e lançam no fogo, e ardem.

Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito.

Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos”. O Mestre, então, concluiu:

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

“Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós; permanecei no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor Tenho vos dito isto, para que o meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo. O meu mandamento é este:

Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei”.

(João, 15:1 a 15:12.)

36. O Consolador testificará de mim, disse o Senhor – Após explicar-lhes que eles não o haviam escolhido, mas ele, sim, os escolhera, para que produzissem frutos e esses frutos permanecessem, Jesus asseverou: “Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros.

Se o mundo vos aborrece, sabei que, primeiro do que a vós, me aborreceu a mim.

Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece.

Lembrai-vos da palavra que vos disse: **Não é o servo maior do que o senhor.**

Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa.

Mas tudo isto vos farão por causa do meu nome, porque não conhecem aquele que me enviou.

Se eu não tivesse vindo, nem lhes houvesse falado, não teriam pecado, mas agora não têm desculpa do seu pecado.

Aquele que me aborrece, aborrece também a meu Pai.

Se eu entre eles não fizesse tais obras, quais nenhum outro tem feito, não teriam pecado; mas agora, viram-nas e me aborreceram a mim e a meu Pai.

Mas é para que se cumpra a palavra que está escrita na sua lei: Aborreceram-me sem causa”.

“Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito de verdade, que procede do Pai, ele testificará de mim.

E vós também testificareis, pois estivestes comigo desde o princípio.”

(João, 15:16 a 15:27.)

37. O Consolador convencerá o mundo, afirmou Jesus – O Mestre deixou claro que lhes dizia tais coisas para que os apóstolos não se escandalizassem, pois seriam eles expulsos das sinagogas e se alguém os matasse, julgaria estar, fazendo um serviço a Deus, porque não conheceram nem ao Pai, nem ao Filho. Convinha, pois, que ele fosse, porque, caso não fosse, o Consolador não seria enviado até nós.

“E, quando ele vier – acrescentou Jesus –, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo.

Do pecado, porque não creem em mim; da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais; e do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado.”

(João, 16:1 a 16:11.)

38. No mundo tereis aflições, asseverou o Mestre – Depois de especificar as várias características do Consolador prometido, Jesus reiterou que, mais um pouco, e eles não o veriam mais, visto que iria para o Pai.

Como os discípulos não entendessem exatamente o que ele dizia, porque lhes falava de sua morte seguida da ressurreição no terceiro dia, Jesus afirmou que primeiro eles chorariam e lamentariam, mas essa tristeza se converteria em alegria, como se dá com a mulher que sofre as dores do parto e depois não mais se lembra de sua aflição ao contemplar o filhinho que nasceu. Dadas essas explicações, Jesus ensinou:

“Na verdade, na verdade vos digo que tudo quanto pedirdes a meu Pai, em meu nome, ele vo-lo há de dar. Até agora nada pedistes em meu nome; pedi e recebereis, para que o vosso gozo se cumpra.

Disse-vos isto por parábolas; chega, porém, a hora em que vos não falarei mais por parábolas, mas abertamente vos falarei acerca do Pai”. “Saí do Pai, e vim ao mundo; outra vez deixo o mundo, e vou para o Pai.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

” Ao ouvir tais palavras, os discípulos lhe disseram: “Eis que agora falas abertamente, e não dizes parábola alguma. Agora conhecemos que sabes tudo, e não hás mister de que alguém te interrogue.

Por isso cremos que saístes de Deus”.

Respondeu-lhes o Mestre: “Credes agora?” E aditou: “Eis que chega a hora, e já se aproxima, em que vós sereis dispersos cada um para sua parte, e me deixareis só; mas não estou só, porque o Pai está comigo. Tenho vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo”.

(João, 16:16 a 16:33.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

Especial

Nº 432 – 20/09/2015

O Consolador – (Eurípedes Kuhl)

III. Instruções dos Espíritos.

I. Advento do Espírito da Verdade

O advento de Jesus

As citações bíblicas mostram que Deus e Jesus são personalidades distintas

1. O povo judeu aguardava ansiosamente o Messias anunciado pelos profetas da Antiguidade, o qual, em chegando ao mundo, pudesse libertá-lo do jugo de Roma, mas Jesus veio e não foi absolutamente entendido pelos israelitas. Os sacerdotes não esperavam que o Redentor procurasse a hora mais escura da noite para surgir na paisagem terrestre, pois, segundo a sua concepção, o Cristo deveria chegar no carro magnífico de suas glórias divinas e conferir a Israel o cetro supremo na direção dos povos do planeta.

2. Houve, no entanto, muitos que o reconheceram como o Cristo anunciado pelos profetas da Antiguidade, embora tenha ele chegado humilde entre os animais de uma manjedoura e como filho de um simples carpinteiro. Entre os que o reconheceram devemos destacar aqueles que mais tarde se tornariam seus discípulos, apóstolos e seguidores, que puderam ouvir da própria voz de Jesus, em diversas ocasiões, ser ele o Enviado do Pai, como mostram estas passagens bíblicas:

“Quem quer que me receba, recebe aquele que me enviou.”

(Lucas, 9:48.)

“Aquele que me despreza, despreza aquele que me enviou.”

(Lucas, 10:16.)

“Aquele que me recebe não me recebe a mim, mas recebe aquele que me enviou.”

(Marcos, 9:37.)

“Ainda estou convosco por um pouco de tempo e vou em seguida para aquele que me enviou.”

(João, 8:42.)

3. Está bem caracterizado nas citações transcritas que Jesus falava em nome do Pai e foi por Ele enviado, fato que mostra uma dualidade de pessoas e exclui a igualdade entre elas, porque o enviado necessariamente é alguém subordinado àquele que o envia. Esse pormenor merece ser meditado por todos quantos pensam que Jesus e Deus constituem uma única pessoa, um equívoco que é igualmente contestado pelas citações seguintes:

“Se me amásseis, rejubilaríeis, pois que vou para meu Pai, porque meu Pai é maior do que eu.”

(João, 14:28.)

“Não tenho falado por mim mesmo; meu Pai, que me enviou, foi quem me prescreveu, por mandamento seu, o que devo dizer e como devo falar; e sei que o seu mandamento é a vida eterna; o que, pois, eu digo é segundo o que meu Pai me ordenou que o diga.”

(João, 12:49 e 50.)

4. Os apóstolos, evidentemente, acreditavam piamente ser Jesus o Messias aguardado, o que pode ser deduzido com facilidade das seguintes citações constantes de Atos dos Apóstolos:

“Que, pois, toda a Casa da Israel saiba, com absoluta, certeza, que Deus fez Senhor e Cristo a esse Jesus que vós crucificastes.”

(Atos, 2:33 a 36.)

“Moisés disse a nossos pais: O Senhor vosso Deus vos suscitará dentre os vossos irmãos um profeta como eu. Escutai-o em tudo o que ele disser. Quem não escutar esse profeta será exterminado do meio do povo. Foi por vós primeiramente que Deus suscitou seu Filho e vo-lo enviou para vos abençoar.”

(Atos, 3:22, 23 e 26.)

“Foi a ele que Deus elevou pela sua destra, como sendo o príncipe e o salvador, para dar a Israel a graça da penitência e a remissão dos pecados.”

(Atos, 5:29 a 31.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

“Mas, estando Estêvão cheio do Espírito Santo e elevando os olhos ao céu, viu a glória de Deus e a Jesus que estava de pé à direita de Deus.”
(Atos, 7:55 a 58.)

Com o advento de Jesus inicia-se para o globo terrestre uma nova era

5. Não é difícil compreender que a vinda de Jesus entre nós envolveu intenso trabalho por parte de todos aqueles Espíritos convocados a participar da sua gloriosa missão. Cada qual recebeu uma tarefa específica, de devotamento e amor, a fim de facilitar a vinda do governador espiritual da Terra aos planos inferiores.

6. Inicialmente, Jesus enviou às sociedades do globo o esforço de auxiliares valorosos nas figuras de Êsquilo, Eurípedes, Heródoto e Tucídides e, por fim, a extraordinária personalidade de Sócrates, entre os gregos. Na China encontraremos Fo-Hi, Lao-Tsé e Confúcio; no Tibet, a personalidade de Buda; no Pentateuco, Moisés; no Alcorão, Maomé, de modo que cada povo recebeu, em épocas diversas, os instrutores enviados pelo Mestre.

7. A família romana, cujo esplendor conseguiu atravessar múltiplas eras, parecia atormentada pelos mais tenazes inimigos ocultos, que, aos poucos, minaram-lhe as bases mais sólidas, mergulhando-a na corrupção e no extermínio de si mesma. A vinda do Cristo estava próxima e Roma, sede do mundo, parecia não se dar conta disso. A aproximação e a presença consoladora do Divino Mestre no mundo era motivo suficiente para que todos os corações experimentassem uma vida nova, ainda que ignorassem a fonte divina daquelas vibrações confortadoras.

8. As entidades angélicas do sistema, nas proximidades da Terra, se movimentam e várias providências de vasta e generosa importância são adotadas. São escolhidos os instrutores, os precursores imediatos, os auxiliares divinos. Uma atividade única registra-se, então, nas esferas mais próximas do planeta e, quando reinava Augusto na sede do governo do mundo, viu-se uma noite cheia de luzes e de estrelas maravilhosas. Harmonias divinas cantavam um hino de sublimadas esperanças no coração dos homens e da natureza. Cumpriam-se ali as profecias: nascia Jesus e iniciava-se para o globo terrestre uma nova era, cujo advento é recordado pelos homens, todos os anos, por ocasião do Natal.

Bibliografia:

Kardec Allan, Obras Póstumas.

Emmanuel, A Caminho da Luz, (psicografia Chico Xavier)

Apóstolos, Atos (4:26 a 28)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

Estudando as obras de Kardec

Nº 184 – 14/11/2010

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

III. Instruções dos Espíritos.

I. Advento do Espírito da Verdade

Revue Spirite de 1867

Questões preliminares.

A. Qual é o caráter da revelação espírita?

R. O que caracteriza a revelação espírita é que sua fonte é divina, ou seja, a iniciativa pertence aos Espíritos, mas sua elaboração é produto do trabalho do homem. Como meio de elaboração, o Espiritismo procede da mesma maneira que as ciências positivas, isto é, aplica o método experimental, sem estabelecer jamais qualquer teoria preconcebida, mas seu objetivo especial é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Desse modo, o Espiritismo e a ciência se completam mutuamente. A ciência sem o Espiritismo se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos; o Espiritismo sem a ciência estaria sem apoio e controle.

(Revue Spirite de 1867, pp. 261 a 285.)

B. Kardec diz que o Espiritismo pode ser considerado, sim, a terceira grande revelação. Quais são as duas primeiras?

R. **A primeira** foi personalizada em Moisés, que revelou aos homens o conhecimento de um Deus único, soberano senhor e criador de todas as coisas, a lei do Sinai e os fundamentos da verdadeira fé.

A segunda revelação foi-nos trazida pelo Cristo, que, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era transitório, acrescentou à primeira a revelação da vida futura e das penas e recompensas que esperam o homem depois da morte. A parte mais importante da revelação do Cristo é o ponto de vista inteiramente novo sob o qual faz encarar a Divindade. Deus não é mais o Deus terrível, ciumento e vingativo de Moisés, mas um Deus clemente e misericordioso que perdoa o pecador arrependido e dá a cada um segundo as suas obras.

(Obra citada, pp. 261 a 285.)

C. Por que motivo, apesar do advento do Cristo, seria necessária uma nova revelação?

R. A razão disso é muito simples: Jesus, conforme ele mesmo o declarou, não disse tudo o que gostaria de ter dito, porque os homens de sua época não o compreenderiam. Eis por que, segundo suas palavras, seria enviado mais tarde à Terra o Consolador, o Espírito de Verdade, que haveria de restabelecer todas as coisas e explicar tudo quanto ele dissera. É por isso que a terceira revelação não é, ao contrário das duas primeiras, personificada em nenhum indivíduo. As duas primeiras são individuais, a terceira é coletiva e produziu-se simultaneamente em milhares de pontos diversos, que se tornaram centros ou focos de irradiação da doutrina espírita.

(Obra citada, pp. 261 a 285.)

Texto

135. Duas comunicações mediúnicas recebidas em julho na Sociedade de Paris fecham o número de agosto de 1867. A primeira recebeu por título “Os espíões”; a segunda, “A responsabilidade moral”. Eis, de forma resumida, o que nelas se contém:

I – A era nova começa, e com ela o Espiritismo.

II – Seu pequeno batalhão é muito fraco em número, mas pouco a pouco ganha novos aderentes e em breve será um exército: exército de veteranos do bem.

III – Hoje começa-se a tomar em consideração esse pobre Espiritismo, que diziam natimorto, mas que agora é visto como um inimigo sério.

IV – É o pressentimento dos casos que têm alguma chance de se apresentar, que faz nascer no homem os pensamentos adequados à resolução das dificuldades que eles poderiam suscitar. Aí está o livre-arbítrio.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

V – Se os homens só tivessem as ideias que os Espíritos lhes inspiram, teriam pouca responsabilidade e pouco mérito.

VI – Não se deve concluir disso que o homem não seja assistido em seus pensamentos e em seus atos pelos Espíritos que o cercam.

VII – Em geral, o homem que busca, quando entregue às suas reflexões, quase sempre age só, sob o olhar vigilante de seu Protetor espiritual, que intervém se o caso for bastante grave para tornar necessária sua intervenção.

(Págs. 256 a 258.)

136. Caracteres da revelação espírita, artigo extraído do livro “A Gênese”, então no prelo, abre o número de setembro. (N.R.: O artigo é a reprodução literal dos itens 1 a 55 do capítulo I da obra citada, que seria publicada poucos meses depois, em janeiro de 1868.) (Págs. 261 a 285.)

137. Do artigo mencionado destacamos os pontos que se seguem:

I – O caráter essencial de toda revelação deve ser a verdade.

II – Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode também suscitá-los para as verdades morais.

III – Somente os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de a transmitir.

IV – Sendo a eterna verdade o caráter essencial da revelação divina, toda revelação manchada de erro ou sujeita a mudança não pode emanar de Deus.

V – O Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, ao passo que as outras leis mosaicas, por vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política de Moisés .

VI – O Espiritismo, ao dar-nos a conhecer o mundo invisível que nos cerca, as leis que o regem, as relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam, é uma verdadeira revelação, na acepção científica do vocábulo.

VII – O que caracteriza a revelação espírita é que sua fonte é divina, que a iniciativa pertence aos Espíritos e que a elaboração é produto do trabalho do homem.

VIII – Como meio de elaboração, o Espiritismo procede da mesma maneira que as ciências positivas, isto é, aplica o método experimental, sem estabelecer jamais qualquer teoria preconcebida.

IX – O objetivo especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual.

X – O Espiritismo e a ciência se completam mutuamente.

A ciência sem o Espiritismo se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos;

O Espiritismo sem a ciência estaria sem apoio e controle.

XI – É com razão que o Espiritismo é considerado a terceira grande revelação. A primeira, personalizada em Moisés, revelou aos homens o conhecimento de um Deus único, soberano senhor e criador de todas as coisas, a lei do Sinai e os fundamentos da verdadeira fé.

XII – O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era transitório, acrescentou à primeira a revelação da vida futura e das penas e recompensas que esperam o homem depois da morte. XIII – A parte mais importante da revelação do Cristo é o ponto de vista inteiramente novo sob o qual faz encarar a Divindade. Deus não é mais o Deus terrível, ciumento e vingativo de Moisés, mas um Deus clemente e misericordioso que perdoa o pecador arrependido e dá a cada um segundo as suas obras.

XIV – Toda a doutrina do Cristo está fundada no caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele pôde fazer do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição expressa da salvação.

XV – O Cristo, contudo, não disse tudo o que poderia ter dito, porque os homens de sua época não o compreenderiam. Eis por que mais tarde seria enviado à Terra o Consolador, o Espírito de Verdade, que haveria de restabelecer todas as coisas e explicar tudo quanto ele dissera.

XVI – Se considerarmos o poder moralizador do Espiritismo, a força moral, a coragem e as consolações que ele dá nas aflições, reconheceremos que ele realiza todas as promessas do Cristo a respeito do Consolador prometido. Ora, como é o Espírito de Verdade que preside ao grande movimento de regeneração, a promessa de seu advento se acha realizada, porque ele é, de fato, o verdadeiro Consolador.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

XVII – A terceira revelação não é, ao contrário das duas primeiras, personificada em nenhum indivíduo. As duas primeiras são individuais, a terceira é coletiva e produziu-se simultaneamente em milhares de pontos diversos, que se tornaram centros ou focos de irradiação da doutrina espírita.

XVIII – A doutrina de Moisés é absoluta, despótica; não admite discussão e se impõe a todo o povo pela força. A de Jesus é essencialmente conselheira; é aceita livremente e não se impõe senão pela persuasão. A terceira revelação veio numa época de emancipação e de maturidade intelectual, em que o homem nada aceita cegamente; devia ser, pois, ao mesmo tempo, o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre exame.

XIX – Um último caráter da revelação espírita é que, apoiando-se nos fatos, ela é e não pode deixar de ser essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Marchando com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro num ponto, modificar-se-á nesse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará.

(Págs. 261 a 285.)

138. Completando o estudo a respeito das ideias espíritas contidas na obra *As Aventuras de Robinson Crusoe*, a **Revue** acrescenta novas informações sobre o conhecido romance e transcreve trechos dele que falam de comunicações com Espíritos, sonhos, pressentimentos e inspirações. Estas, segundo o autor de *Robinson Crusoe*, “não passam de discursos que imperceptivelmente nos são soprados ao ouvido, ou por bons anjos que nos favorecem, ou por esses diabos insinuantes que nos espreitam continuamente”.

(Págs. 285 a 291.)

139. Em uma nota aposta logo abaixo do artigo, Kardec observa que fazia mais de um século que Daniel Defoe, que viveu na Inglaterra entre 1661 e 1731, escreveu o referido romance, que contém expressões que parecem tomadas à moderna doutrina espírita. Em mensagem dada na Sociedade Espírita de Paris, Daniel Defoe explicou suas crenças sobre esse ponto, dizendo que pertencera à seita dos teósofos, a qual professava os mesmos princípios. Por que, então, essa doutrina não tomou a extensão que o Espiritismo acabou adquirindo? Várias foram as razões:

I – os teósofos mantinham suas doutrinas quase secretas.

II – a opinião das massas não estava madura para as assimilar.

III – era preciso que uma sucessão de acontecimentos desse outro curso às ideias.

IV – era necessário que a incredulidade preparasse os caminhos.

V – a Providência não tinha julgado que já fosse tempo de tornar gerais as manifestações dos Espíritos. “Foi a generalização desta ordem de fenômenos – diz Kardec – que vulgarizou a crença nos Espíritos e a doutrina, que é o seu corolário.”

(Pág. 291.)

140. A **Revue** noticia o lançamento do livro *Deus na Natureza*, de Camille Flammarion, obra em que o autor procedeu da mesma maneira que em seu livro sobre a pluralidade dos mundos habitados, colocando-se no próprio terreno de seus adversários. Se Flammarion tivesse buscado seus argumentos na teologia, no Espiritismo ou em doutrinas espiritualistas quaisquer, teria estabelecido premissas que talvez fossem rejeitadas. Mas Flammarion, sabiamente, fala na obra em nome da ciência pura e não de uma ciência fantasista e superficial, e o faz com a autoridade que lhe dá seu saber pessoal. Seu livro é, pois, um desses que têm um lugar marcado nas bibliotecas espíritas, porque é uma monografia de uma das partes constituintes da doutrina, onde o crente encontra para se instruir tanto quanto o incrédulo.

(Págs. 292 a 294.)

141. O número de outubro é aberto com um artigo em que Kardec afirma que as ideias espíritas pareciam espalhar-se por todos os lugares, na imprensa, nos livros, na poesia, nos discursos e

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

até nos sermões, embora houvesse o cuidado por parte das pessoas de não pronunciar a palavra Espiritismo. De onde vinham essas ideias, se muitos que as emitiam não eram espíritas? “Já o dissemos várias vezes - explica Kardec -: quando uma verdade chega a termo e o espírito das massas está maduro para a assimilar, a ideia germina em toda a parte: está no ar, levada a todos os pontos pelas correntes fluídicas.”

(Págs. 295 a 297.)

142. Na parte final do artigo, Kardec reproduz artigo publicado pelo Phare de la Manche, jornal de Cherbourg, em 18/8/1867, no qual o autor mostra que dois mil anos atrás a casta sacerdotal dos druidas ensinava a seus adeptos uma doutrina estranha que – fácil é perceber – era em tudo semelhante à doutrina espírita. O Sr. Digard, o autor do artigo, evidentemente não menciona nele a palavra Espiritismo. Será que ele não o conhecia ou por conveniência se absteve de citá-lo?

(Págs. 297 a 301.)

143. A **Revue** focaliza o caso da senhora Condessa de Clérambert, falecida anos antes em idade avançada e que se notabilizara pelas curas que operou em criaturas consideradas incuráveis. Muitas vezes ela tratava por correspondência e, sem ter visto os doentes, descrevia a doença perfeitamente. Ela dizia receber instruções sobre o tratamento que fazia, sem explicar a maneira por que lhe eram transmitidas. A Condessa não tratava os enfermos pelo magnetismo ou pela imposição das mãos, mas pelo emprego de medicamentos que ela mesma preparava conforme as indicações que recebia. Algumas vezes o resultado era quase instantâneo, outras vezes requeria mais tempo. Foi assim que curou radicalmente um grande número de epiléticos e doentes de afecções agudas ou crônicas que os médicos já haviam abandonado.

(Págs. 301 e 302.)

144. A sra. Clérambert não era um médium curador, mas um médium médico, que gozava de uma clarividência que lhe permitia ver o mal e a guiava na aplicação dos remédios que lhe eram inspirados. Nada cobrava das pessoas que a buscavam, mas não recusava das pessoas ricas, reconhecidas por terem sido curadas, aquilo que entendiam de lhe dar, e o empregava para suprir as necessidades daqueles a quem faltava o necessário.

(Pág. 302.)

145. A 5 de abril de 1867, o Espírito de Adèle de Clérambert comunicou-se na Sociedade Espírita de Paris, ocasião em que explicou de onde lhe vinha o gosto pelo estudo dos assuntos médicos. Ela fora médico em vida precedente. Um Espírito amigo a ajudava a aliviar os doentes que a procuravam, mas para isto ele lhe havia recomendado o mais completo desinteresse, sob pena de perder instantaneamente a faculdade que constituía a sua felicidade. O desinteresse moral, a humildade e a abnegação constituíam, segundo ele, condições essenciais à perpetuação de sua faculdade, que ela procurou observar até o fim de sua existência.

(Págs. 302 a 304.)

146. Comentando o assunto, Kardec diz que a faculdade mediúnica apresentada por Adèle de Clérambert era, em sua opinião, o tipo de mediunidade que poderá, no futuro, apresentar-se em muitos médicos, quando entrarem na via da espiritualidade que o Espiritismo lhes abre, porque muitos verão, então, desenvolver-se em si faculdades intuitivas que lhes serão um precioso auxílio na prática.

(Págs. 304 e 305.)

147. É um erro, diz Kardec, crer que a mediunidade curadora venha destronar a medicina e os médicos. Ela vem abrir-lhes uma nova via e mostrar, na natureza, recursos e forças que ignoravam e com as quais podem beneficiar a ciência e os doentes. Um dia haverá médicos

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VI)

médiuns, como há médiuns médicos, os quais juntarão à ciência adquirida o dom de faculdades mediúnicas especiais.
(Pág. 305.)

148. O desinteresse material é um dos atributos essenciais da mediunidade curadora. Como a faculdade mediúnica nada lhe custou, o médium curador deve usá-la gratuitamente. Diferente será a posição dos médicos médiuns, porque o exercício da medicina é uma profissão que precisa ser remunerada como qualquer outra e foi adquirida a título oneroso. Porque um médico tornou-se médium e é assistido por Espíritos no tratamento de seus doentes, não se segue que deva renunciar à remuneração. Se ele o fizer, viverá de quê?
(Págs. 305 e 306.)

149. A mediunidade curadora não matará a medicina, mas deverá modificar profundamente a ciência médica. Médiuns curadores sempre houve e continuarão a existir, mas deverão ser menos numerosos à medida que aumentar o número de médicos médiuns. Ter-se-á então mais confiança nos médicos quando forem médiuns e mais confiança nos médiuns quando forem médicos.
(Pág. 307.)